



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

NATÁLIA FELICIANO DE ASSIS

**COTIDIANO E TRAJETÓRIA DE VIDA DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA
EM BRASÍLIA**

Brasília - DF

2021

NATÁLIA FELICIANO DE ASSIS

**COTIDIANO E TRAJETÓRIA DE VIDA DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA
EM BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito final para obtenção
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional

Professor Orientador: Prof Dra. Josenaide
Engracia dos Santos

Co-orientador: Prof Dr. Pedro de Andrade
Calil Jabur

Brasília – DF

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

AA848c Assis, Natália Feliciano
Cotidiano e trajetória de vida das pessoas em situação de rua em Brasília / Natália Feliciano Assis; orientador Josenaide Engracia dos Santos; co-orientador Pedro de Andrade Calil Jabur. -- Brasília, 2021.
18 p.

Monografia (Graduação - Terapia Ocupacional) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Pessoas em situação de rua. 2. Trajetórias. 3. Cotidiano. I. dos Santos, Josenaide Engracia, orient. II. Jabur, Pedro de Andrade Calil, co-orient. III. Título.

NATÁLIA FELICIANO DE ASSIS

**COTIDIANO E TRAJETÓRIA DE VIDA DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA
EM BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília - Faculdade de
Ceilândia como requisito final para obtenção
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Data da aprovação: 25/10/2021

Josenaide Engracia dos Santos - Orientadora
Professora Doutora da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

Pedro de Andrade Calil Jabur – Co-orientador
Professor Doutor da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

Tâmara Rios de Sousa – Banca Examinadora
Especialista em Saúde Coletiva - (Fiocruz Brasília)

RESUMO

Diferentes fatores colocam em risco a integralidade de indivíduos e grupos sociais que estão em uma condição de vulnerabilidade social, e a (re) construção de trajetórias permeia as experiências vivenciadas cotidianamente por pessoas que (sobre)vivem nas ruas. Este artigo, visa compreender o viver cotidiano, as histórias e condições em que ocorre a situação de rua. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência cartográfica que propôs resgatar as vivências cotidianas de pessoas em situação de rua no Plano Piloto, área central do Distrito Federal. Entendendo o cotidiano e as ações da Terapia Ocupacional no campo social, a cartografia apresenta os (des)encontros produzidos e discute-se três principais histórias permeadas de sofrimento em diferentes dimensões, que simbolizam o fazer e o caminhar das ruas para esses sujeitos. A partir dos significados atribuídos nas histórias cotidianas, a cartografia surge como um meio de aproximação, de espaço e de escuta para refletir sobre como diversas mudanças nas condições de vida repercutem nos processos de vivência, assim como o vínculo e o respeito sejam reconhecidos, muitas vezes, como a melhor intervenção. Concluindo-se que a experiência da realização dessa cartografia contribuiu significativamente para a formação de discentes, pesquisadores, estudos e intervenções da Terapia Ocupacional com populações que se encontram em situações de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Pessoas em situação de rua; Trajetórias; Cotidiano.

ABSTRACT

Different factors put at risk the integrality of individuals and social groups that are in a condition of social vulnerability, and the (re)construction of trajectories permeates the daily experiences of people who (sur) live on the streets. This article aims to understand everyday life, the stories and conditions in which the street situation occurs. Methodologically, it is a report of cartographic experience that proposed to rescue the daily experiences of people living on the streets in Plano Piloto, central area of the Federal District. Understanding the daily life and actions of Occupational Therapy in the social field, cartography presents the (mis)encounters produced and discusses three main stories permeated with suffering in different dimensions, which symbolize the doing and walking on the streets for these subjects. From the meanings attributed in everyday stories, cartography emerges as a means of approximation, space and listening to reflect on how various changes in living conditions affect the living processes, as well as the bond and respect are recognized, many times as the best intervention. It is concluded that the experience of carrying out this cartography has significantly contributed to the formation of students, researchers, studies and interventions in Occupational Therapy with populations that are in situations of social vulnerability.

Keywords: Homeless people; Trajectories; Daily.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a experiência do projeto de extensão do coletivo denominado “Observa Pop Rua” da Universidade de Brasília, as ações do referido projeto tiveram como objetivo o encontro com pessoas em situação de rua. Entendendo que a extensão universitária funciona como um meio de interação entre a universidade e a comunidade, estabelecendo uma conexão entre a universidade e os diversos setores da sociedade, os conhecimentos e/ou assistência ampliados para com a comunidade retornam como influxos positivos em forma de retroalimentação, como as reais necessidades e interesses. (NUNES e SILVA, 2011).

As ações foram desenvolvidas por docentes e discentes de vários cursos da área de saúde graduação como combinação de experiências das pessoas que vivem nas ruas. Viver nas ruas impõe diferentes situações que colocam em risco a integralidade de todos aqueles que estão em condição de vulnerabilidade social. Fatores determinantes como a falta de acesso a serviços essenciais, a discriminação, exposição a violência e ao consumo de álcool e outras drogas, são alguns dos desafios enfrentados cotidianamente, e que influenciam na saúde física e psíquica desses indivíduos.

A rua como um espaço de ser e estar, envolve diferentes grupos que ocupam o cenário urbano das cidades brasileiras, tais como imigrantes, trecheiros, pessoas desempregadas, com vínculos familiares rompidos, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, entre outros que vivenciam e constroem suas experiências cotidianas nas ruas. Mattos e Ferreira (2004) reúnem diversas representações sociais pejorativas que caracterizam a População em Situação de Rua (PSR) como vagabundos, indivíduos perigosos, loucos e sujos, estereótipos materializados e reproduzidos pela sociedade que, por muitas vezes, enxerga apenas o imediato, contribuindo para a discriminação e exclusão social. A Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR) foi instituída no Decreto lei 7.053/2009, em que define:

Grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento (MDS, 2009, p. 9).

Sicari e Zanella (2018) relatam que o número de pessoas vivendo nas ruas vem se intensificando nos últimos anos e não se restringe às grandes metrópoles, e aponta que as principais causas do aumento da ida para as ruas são variadas, incluindo condições políticas,

econômicas e sociais, como condições de vida precárias, uso de substâncias, desemprego e rupturas familiares.

A vivência com as pessoas em situação de rua me possibilitou como estudante de Terapia Ocupacional o contato com uma realidade nunca antes experimentada, e revelou que estas pessoas são dotadas de potencialidades, apresentados no seu cotidiano. Cotidiano, termo utilizado no vocabulário da língua portuguesa como algo mundano, que acontece diariamente, surge como conceito crítico para a Terapia Ocupacional envolvendo-se de aspectos subjetivos e culturais, e “implica em um diálogo com as Ciências Humanas e Sociais, no âmbito das quais este conceito se tornou importante para a compreensão da realidade social contemporânea” (GALHEIGO, 2020, p. 14).

Para Francisco (2003), não são ações rotineiras que nos levam a um fazer por fazer, mas sim o contexto em que vivemos e buscamos realizar nossa atividade prática transformadora. A cotidianidade compõe-se de fazeres humanos, que segundo Heller (2000) são heterogêneos em conteúdo e significação, visto que todos os aspectos de sua individualidade configuram a vida cotidiana, e “nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (p.17). Portanto, é a singularidade que marca o cotidiano de uma vida que se constrói pelas necessidades, valores, crenças e afetos do sujeito, e, em vista disso, se torna único e irrepetível na condição humana (GALHEIGO, 2003).

Nesse caminho, a Universidade de Brasília possibilita a experiência extensionista através do coletivo “Observa Pop Rua” que propõe uma aproximação com as pessoas em situação de rua para compreender o cotidiano, suas histórias, suas vivências e condições em que ocorre a situação de rua, por meio da cartografia, que vem para caracterizar os mapeamentos das vivências e conhecer essas pessoas, os caminhos percorridos por elas, os labirintos e as suas diversas redes. Cartografia, como desenho que acompanha os sentidos produzidos por uma situação de vida nos territórios, compreende o modo de vida que conferem diferentes formas de inserção social e cultural (GUATTARRI e ROLNIK, 2000). Uma aproximação com as pessoas e suas vivências.

O trabalho propôs a se aproximar do universo e compreender essas relações, marcadas pela invisibilidade e pelo sofrimento nas histórias de vida cotidiana. Assim, esse artigo tem como objetivo entender como as pessoas em situação de rua constroem sua dimensão de vida nas ruas, nos espaços abertos, nas relações com as pessoas que circulam e trabalham nesses lugares.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência cartográfica com pessoas em situação de rua, cuja ferramenta principal se deu por meio da escuta. Idealizada por representações gráficas, a cartografia tradicional consiste em técnicas geográficas que, através da observação, traçam mapas referentes a territórios, regiões, demarcações e sua topografia, assim como caracterizam a distribuição de populações e seus aspectos étnicos, econômicos, sociais, de saúde, educação, entre outras. Entretanto, como meio de intervenção social, a cartografia pode ocupar-se de noções de multiplicidade e temporalidade, que de acordo com Deleuze e Guattari (1995) acompanham e aprofundam-se no processo de produção.

O trabalho realizado no ano de 2019, é fruto de um projeto acerca da população em situação de rua iniciado ainda em 2013, e atualmente se organiza como um coletivo de pesquisa e extensão denominado “Observa Pop Rua”, que abrange pesquisadores, docentes e acadêmicos de diferentes áreas da Universidade de Brasília, como Enfermagem, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional. O coletivo dispõe do recurso da produção audiovisual e procura ampliar as vozes das ruas, contribuindo em movimentos sociais para populações em vulnerabilidade.

Considerando que o projeto de extensão visa a comunicação e a troca de conhecimentos científicos e de pesquisa, com ações educativas, sociais e culturais desenvolvidas dentro e fora do ambiente acadêmico, o coletivo, em parceria com a casa de Cultura da América Latina da UnB, criada para promover a arte e a cultura latino-americana, desenvolveu uma série de ações cartográficas constituídas em entender a potência, os desafios e as particularidades das experiências cotidianas de pessoas em situação de rua que residem no Setor Comercial Sul – Plano Piloto, localizado na região central de Brasília.

Marcado pela grande movimentação de pessoas que circulam no território, o Setor Comercial Sul, segundo Araújo (2014), compõe-se de diversos setores do centro de Brasília, aproximando-se a um centro urbano “tradicional”, seja pela diversidade de pessoas que transitam para vários fins, ou pela apropriação dos espaços resultantes. Sendo então, “compreendido como um espaço de relação social, formado, por um lado, pelos objetos naturais, geográficos e, por outro, pela sociedade em movimento”. (LEÃO; SALLES, 2016, p. 67).

Em razão do centro comercial existente no local, o cenário urbano conta com o turismo criativo, atividades culturais, e um amplo comércio que inclui restaurantes, quiosques, agências bancárias, instituições de ensino, e um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS AD III - Candango). O CAPS-AD, serviço especializado em Saúde Mental, oferece assistência à

população que apresenta sofrimento decorrente da dependência de álcool e outras drogas, abrangendo todo o território da área central de Brasília. Entre todos os indivíduos que por ali perpassam e vivenciam experiências cotidianas no território, estão os vendedores ambulantes e a grande quantidade de pessoas em situação de rua, sendo uma das regiões administrativas em que concentra um maior número de pessoas em situação de rua no Distrito Federal (Sedes, 2021).

A área citada foi o ponto de partida, recorte para entendimento do contexto sócio histórico e cultural do grupo que ali transita e construção do processo de vínculo com as pessoas do território. A aproximação com as pessoas se deu por meio de encontros semanais no decorrer das idas a campo, ocorridos durante o mês de agosto. Integrando e compreendendo o território ao longo dos encontros, esse processo demandou uma atenção contínua, pois de acordo Alvarez e Passos (2014), cartografar consiste em habitar e envolver-se no território, o que nos deixa na posição de aprendiz em meio a esse território existencial.

Apreender os modos de vida das pessoas, e como aprendiz-cartógrafo, para a habitação de um território mesmo que distinto, é fundamental que haja o cultivo da experiência, promovendo uma receptividade ao campo (ALVAREZ; PASSOS, 2014). Conforme afirma Paixão e Guedes (2016, p.26):

O caminho do cartógrafo se faz ao se caminhar, ao seguir e acompanhar os percursos e as implicações nos processos de produção e conexão de redes e rizomas. Foi no curso da caminhada e do caminho que se buscou traçar pistas que pudessem descrever, problematizar, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência e os sentidos produzidos pelo(a) cartógrafo(fia).

A cartografia foi utilizada para aproximar-se da realidade das pessoas em situação de rua, considerando segundo Oliveira e Mossi (2014) uma abordagem não dualista (não há separação entre natureza/cultura, natural/artificial, objeto/sujeito, etc.), com uma postura sempre questionadora com relação às abordagens tradicionais de produção de conhecimento. Para isto, a análise de dados da cartografia foi realizada no segundo semestre de 2019 a partir do discurso e os sentidos produzidos dos participantes.

Mapeando Vivências

A cartografia proposta foi a confecção de um mapa, cartografando o Brasil e suas regiões a partir das vivências de cada sujeito, fazendo um compilado das trajetórias marcantes e significativas na vida de cada participante. Mapear, técnica entendida como a delimitação de

informações geográficas, surge como meio de registro para traçar os caminhos percorridos, resgatando memórias de experiências vivenciadas ao longo do processo de (in)existência nas ruas.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] um mapa é uma questão de performance. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Entregue apenas com seu esboço, o mapa foi produzido pelos próprios sujeitos com materiais necessários para a elaboração do mesmo, como canetas, lápis de cor e giz de cera. Com base nas histórias vividas, cada indivíduo registrava de forma livre as experiências e particularidades de acordo com sua subjetividade, assim resgatando momentos e sentimentos de alegria, tristeza e saudades, e deste modo, enriquecendo o mapa com palavras, frases, poesias ou qualquer outra forma na qual revelasse o efeito produzido pela cartografia.

Nesse contexto, a cartografia promoveu novas conexões entre os diversos atores, por meio de suas tensões, movimentos e deslocamentos com vistas à criação de novos agenciamentos (ROMAGNOLI, 2009). A cartografia, permitiu uma aproximação com 3 pessoas em situação de rua que relataram as situações vivenciadas por meio da construção do mapa e da escuta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Espelho, espelho meu, existe alguém, mais invisível do que eu? [...] meu amor, minha querida, nesse exato momento me encontro enterrado vivo neste túmulo, buraco do rato” (G.M.; Y.A., 2019).

No decorrer dessa ação, diversas situações de vida atravessaram a cartografia, de Norte a Sul, do Leste ao Oeste, considerando que as histórias de vida atravessaram todos os pontos cardeais do país. Os respectivos participantes em sua grande maioria vivem em extrema instabilidade, sem contato com a família e com a precariedade de apoio social. Para Castel (1997) a vulnerabilidade dessas pessoas, são resultados da desagregação progressiva das proteções ligadas ao mundo do trabalho e relações. Constituindo-se de processos de “desfiliação”, ou da fragilização dos suportes de sociabilidade.

Relatos sobre as várias histórias permeadas de sofrimento em diferentes dimensões, do corpo, do coração, da perda e do cenário social, surgiram como parte do processo da condição

do que é estar nas ruas, carregados quase como uma bagagem nos caminhos percorridos por essas pessoas, sendo necessário utilizar diversas visões para refletir sobre este fenômeno complexo.

Para análise da complexidade do fenômeno, a produção cartográfica retratou três principais histórias vivenciadas, de um homem com idade entre 50 a 60 anos e duas mulheres na mesma faixa etária, em que resolveu-se chamar de *trajetória*, por se tratar de um caminho percorrido e vivenciado por um corpo em movimento.

Trajetoária 1: Antônio¹, um homem nascido no estado de Piauí, situado no nordeste do Brasil, em deslocamento, passou por São Paulo, Goiás e mais recentemente Brasília. Relata intenso sofrimento vivenciado em Goiás, por ter que realizar uma quimioterapia estando na rua, mas superou essa fase. Imaginando que seu problema médico começou quando estava na rua, fico a pensar como foi para esse sujeito, ter que gerenciar o percurso a médicos, exames, receitas, remédios e quimioterapia. Uma experiência que sugere sofrimento, para Beserra et al (2014) a palavra sofrimento representa um ato ou efeito de sofrer, dor física, angústia, aflição, amargura, paciência e resignação.

Nomeia sua experiência por meio das palavras: *resiliência/escutar*, simbolizado nas linhas dos mapas entre Goiânia e Brasília. Resiliência diante de um estado de debilidade que compromete, inclusive, sua luta pela sobrevivência. Falar sobre como sobreviveu a quimioterapia mesmo na rua anuncia a sua força para a vida, que ele denomina de resiliência. Segundo Grotberb (2005) a resiliência pode ser definida como uma capacidade que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ilesa. Argumenta Rabelo, Alves e Souza (1999) que é uma experiência física que enfraquece o corpo e uma experiência social, psíquica, e moral, em que se afrouxam os vínculos, inclusive com o isolamento.

Trajetoária 2: Maria¹, é uma mulher acolhedora, que cativa todos que passam em sua vida. Até chegar em Brasília, construiu suas vivências em vários estados brasileiros, como Tocantins, Goiás e Bahia, mas carrega um sentimento de tristeza após seu amigo ter falecido no estado do Pará, expressando-se com um desenho de um rosto em lágrimas diante da palavra: “*medo*”. Langa (2012) descreve que há uma multiplicidade acerca dos modos de

¹ Os nomes dos participantes foram trocados por nomes fictícios a pedido dos mesmos.

viver nas ruas: para algumas pessoas, é um “espaço de riscos e perigos” (p. 162), de insegurança, discriminação, violência e medo. Sobretudo, esses sujeitos são alvos da discriminação e intolerância da sociedade. Kowarick (2009) somam-se aos agentes de segurança pública, grupos de intolerância e segurança privada que assassinam as pessoas em situação de rua. É a encarnação do medo de ser agredida, violentada e morta.

Trajetória 3: Vânia¹, conheceu seu grande amor no estado da Bahia, mas não conseguiu viver essa relação de cuidado e afeto. Assistida no Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas (CAPSad) situado no território, escreve poesias que resgatam seus sentimentos, demonstrando a importância do serviço de saúde mental em seu cotidiano, tais como: “*CAPSad eu e você, posso tudo só não posso te perder, pois preciso aqui aprender como bem viver e também ajuda você*”. A fala da participante é marcada pela representação do serviço de saúde mental como fluxo da sua existência, conseguindo captar as potencialidades do CAPSad e dela enquanto sujeito. Dalmolim (2006) relata que a potencialidade do CAPSad é a expansão do fora, para aumento de repertório e autonomia. Formando uma rede de sustentação, por vezes pouco visível como pontos importantes para a participante.

As expressões dos participantes tiveram uma relação direta com o cotidiano vivenciado e o que vivencia. Cotidiano, conceito importante para Terapia Ocupacional:

[...] é a área de atuação mais elementar e significativa, pois nele se conjugam as atividades que o homem desenvolve durante sua vida, construindo mundos plenos de sentidos. As atividades cotidianas, aparentemente comuns, rotineiras e elementares conformam os fundamentos dos modos de vida humano. Nossa vida é composta de gestos ínfimos e elementares que, embora pareçam insignificantes, viabilizam o nosso viver cotidiano. Diariamente construímos e refinamos os processos de interação do corpo no seu meio, a coordenação de ações e emoções com os outros, e transformamos no tempo e espaço vividos esse gestual cotidiano que ao longo da nossa existência compõe a própria vida. (MARQUETTI e KINOSHITA, 2011, p. 219).

¹ Os nomes dos participantes foram trocados por nomes fictícios a pedido dos mesmos.

As experiências marcantes e significativas vivenciadas no cotidiano, manifestadas por meio de frases e palavras enriqueceram a construção do mapa, e possibilitaram simbolizar as expressões contidas no fazer e caminhar das ruas, identificando por meio da escuta os caminhos traçados por pessoas que em grande parte do tempo, se sentem invisíveis aos olhos da sociedade. Todos participantes contribuíram com seus encontros e desencontros na vida, suas inspirações e disposições a idealizar futuros trajetos, no entanto, o sofrimento atravessa as histórias cotidianas dessas pessoas, e merece atenção por se tratar de diferentes dimensões na realidade desses sujeitos.

Para Cassell (2004) o sofrimento é um estado crítico de aflição, ligado a eventos que ameaçam a integridade de uma pessoa, manifestados por emoções de tristeza, raiva, solidão, melancolia, impactando nas relações pessoais e no corpo, exigindo, portanto, a consciência de si. Essa grave aflição está associada a emoções e sentimentos que nascem no desenrolar das situações vivenciadas cotidianamente, e é preciso que seja falado por quem o sente.

Nesse sentido, a escuta como dispositivo de aproximação com o território, com os habitantes desse mesmo território, e para a construção do mapa, serviu como peça-chave na idealização desta cartografia, gerando um processo de comunicação que permitiu a manifestação do sofrimento nas histórias narradas.

No que se refere às palavras escolhidas na *trajetória 1* – resiliência/escutar – na qual correspondem à capacidade em lidar com as situações difíceis, adaptando-se às adversidades e contando com um espaço de fala e escuta, é notória a profunda resistência diante ao cenário social em que se abrigava: a rua. Nas *trajetórias 2 e 3*, o estado emocional diante a perda irreparável de um laço de amizade e de amor, ligada a manifestação da importância do modelo de atenção à saúde mental no território, ressignificando a vida cotidiana, ocupou um espaço expressivo na cartografia, expondo outras vertentes do sofrimento para essas pessoas diante ao território existencial e as condições presentes em seus cotidianos.

O significado atribuído pelos sujeitos das experiências vivenciadas nas ruas, envolve desafios que para Merhy et al (2017) trazem diferentes sentidos, atrelados a um lugar de múltiplos sinais que se naturalizam nos encontros com as alteridades, e nos invadem porque também somos a rua. Sentimentos como o desprezo, a generosidade, a curiosidade, interesse, medo, compaixão, entre muitas outras afecções que nos atravessam sem pedir licença. “Muitas vezes, é precisamente a partir desses sentimentos que somos levados a pensar formas de aproximação e/ou afastamento desses sinais e, conseqüentemente, da forma como entramos em conexão ou não com essas vidas” (MERHY et al, 2017, p.32).

Alcântara, Abreu e Farias (2015) apontam que a ausência de condições básicas de vida, acompanhada da exclusão social, da carência da escuta e todos os fatores de risco existentes na rua, internalizam uma condição de sofrimento, que reflete diretamente na criação da identidade do sujeito.

Acerca da ruptura de um laço social, manifestado através de um desenho na presença do sentimento de medo, revela como é significativo o vínculo da amizade no cotidiano para quem está na condição de rua, tomando uma enorme proporção de importância e servindo como uma estratégia de sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, o medo da perda se torna um motivo constantemente presente nas ruas, visto que essas pessoas enfrentam diariamente desafios que os deixam em estado de alerta, devido a fragilidade social e a violência que se manifesta nas ruas de diversos modos.

Outro aspecto identificado nas histórias de vida, corresponde à lembrança de uma relação amorosa rompida, mas nunca esquecida. Essas interferências nas trajetórias de vida podem repercutir nas demais relações interpessoais desses sujeitos que internalizam seus sofrimentos emocionais. O CAPSad aparece, portanto, como um local onde esses sujeitos se reorganizam, ampliando suas vivências e redes de cuidados (na rua ou fora dela).

Compreendendo as produções dessas experiências cotidianas, tal como as rupturas de laços sociais e todos os processos marcados por um adoecimento físico e/ou psíquico, o significado do cotidiano dado pelos próprios sujeitos imerge em um campo de intervenção para a Terapia Ocupacional Social, que através de atividades culturais, expressivas e de convivência, procura fortalecer e/ou resgatar os vínculos sócio-ocupacionais com a população em situação de rua, “a fim de realizar o estudo do cotidiano e auxiliar na organização da vida cotidiana, da vida prática e ocupacional para elaborar projetos de vida singulares, favorecer o pertencimento social e o acesso às trocas econômicas e ao mercado de trabalho” (COFFITO, 2010, p.80).

Desse modo, essa vulnerabilidade social coexistente ao sofrimento presente no cotidiano dos sujeitos, é o eixo central de demanda para a Terapia Ocupacional Social, que trabalha com o fortalecimento das redes sociais de suporte, e dessa forma, evitando processos de rupturas presentes em cenários de vulnerabilidade (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007). Podem-se identificar diferentes sentimentos criados no decorrer dos aspectos da vida cotidiana desses sujeitos, que fazem alusão aos diversos desafios enfrentados por essas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das singularidades e significados atribuídos nas histórias de vida cotidiana dos sujeitos à experiência de viver nas ruas, buscou-se compreender como as mudanças nas suas condições de vida repercutem nos processos de vivência. A proposta deste relato de experiência foi apresentar como a convivência, o vínculo, e todas as experiências traçadas pelos extensionistas, como também pelas pessoas em situação de rua, ensina e revigora a construção de caminhos partilhados.

Em consonância com a cartografia, a Terapia Ocupacional Social e a compreensão do cotidiano acerca das situações de rua ressaltam que questões como o vínculo e o respeito sejam reconhecidas muitas vezes, como a melhor intervenção.

Orientada pela prática do campo social, Galheigo (2003) afirma que o terapeuta ocupacional desfruta da oportunidade que lhe é atribuída a possibilidade de poder refletir a vida cotidiana do sujeito, na qual contribui nos processos de autodeterminação e reorganização do sujeito e/ou coletivo, ressignificando seu cotidiano.

Portanto, a intervenção junto a pessoas em situação de rua, implica em entender o cotidiano, as manifestações de encontros e interações sociais que possibilitem novos projetos de vida, resgatando sua identidade como cidadão pertencente à sociedade. Com base no percurso metodológico, a escuta como principal recurso na construção do processo cartográfico, implica também no processo de intervenção nas práticas da Terapia Ocupacional.

A realização dessa cartografia contribuiu significativamente para a formação dos estudantes extensionistas, e também para as pessoas que possibilitaram a reflexão da realidade do outro, através do olhar ampliado do cuidado de cada uma dessas pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade social.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. 2014. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: E. PASSOS; V. KASTRUP; L. da ESCÓSSIA (eds.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, Porto Alegre, sulina, p. 131-149.

ARAUJO, Ingrid Fonseca de. **Setor Comercial Sul: proposta de intervenção urbana**. 2014. [74] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BARROS, Denise Dias; LOPES, Roseli Esquerdo; GALHEIGO, Sandra Maria. Novos espaços, novos sujeitos: a terapia ocupacional no trabalho territorial e comunitário. **Terapia**

ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 354-364, 2007.

BESERRA, Eveline Pinheiro et al. Sofrimento humano e cuidado de enfermagem: múltiplas visões. **Escola Anna Nery**, v. 18, p. 175-180, 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua para consulta pública. Brasília, 2009.

CARNEIRO DE ALCANTARA, Stefania; PEREIRA DE ABREU, Desirée; ARAÚJO FARIAS, ALESSANDRA. Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 24, n. 1, p. 129-143, 2015.

CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: WANDERLEY, Mariângela; BÒGUS, Lúcia; YAZBEK, Maria Carmelita. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 1997

Cassell EJ. **The nature of suffering and the goals of medicine**. Oxford: Oxford University Press; 2004.

COFFITO. **Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional**. Resolução nº. 383 de 22 de dezembro de 2010. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3146>>. Acesso em 15 mar. 2021.

DALMOLIN, Bernadete Maria. **Esperança equilibrada: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora Rio de Janeiro.

DE OLIVEIRA, Marilda; MOSSI, Cristian Poletti. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação//Cartography as methodological strategy: inflections for research in education. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 19, n. 3, p. 185-198, 2014.

FRANCISCO, Berenice Rosa. **Terapia Ocupacional**. 2ª ed. Rev e atual. Campinas: Papirus, 2003. 95 p.

GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, p. 5-25, 2020.

GALHEIGO, S. M. **O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-9, set/dez. 2003.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p 197-273.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Org.). **Resiliência: Descobrendo as próprias fortalezas** (pp. 15-22). Porto Alegre: 2005, Artmed

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Kowarick L. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: Ed. 34; 2009.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza nos circuitos da vulnerabilidade e exclusão: identidades em construção nas trajetórias e percursos**. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

LEÃO, A. et al. Cotidiano, reabilitação psicossocial e território. **MATSUKURA, TS; SALLES, MM Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental**. São Carlos: EdUFSCar, p. 61-76, 2016.

MARQUETTI, Fernanda Cristina; KINOSHITA, Roberto Tykanori. A ação como precursora do pensamento no humano. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 19, n. 2, 2011.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & sociedade**, v. 16, p. 47-58, 2004.

MERHY, Emerson Elias et al. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Merhy EE, Baduy RS, Seixas CT, Almeida DES, Slomp H Jr, organizadores. Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, v. 1, p. 31-42, 2017.

NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; DA CRUZ SILVA, Maria Batista. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

PAIXÃO, Luciana Cunha; GUEDES, Lidiane de Fátima Barbosa. Experimentação cartográfica: relato de experiência nos caminhos da visita domiciliar em saúde mental. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 5, n. 2, 2016.

RABELO, Míriam Cristina; ALVES, Paulo César B.; SOUZA, Iara Maria A. **Experiência de doença e narrativa**. Editora Fiocruz, 1999.

RIBEIRO, Cynhtia. **Secretaria de Desenvolvimento Social**. Brasília, 2021. Disponível em: < <http://www.sedes.df.gov.br/em-janeiro-2-260-pessoas-em-situacao-de-rua-foram-atendidas> > . Acesso em: 29 mar. 2021.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 166-173, 2009.

SICARI, Aline Amaral; ZANELLA, Andréa Vieira. Pessoas em situação de rua no Brasil: revisão sistemática. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 38, p. 662-679, 2018.